

Sarney admite chefiar

nia

Jornal de Brasília • 72

governo de coalizão

O presidente José Sarney já admite a hipótese de chefiar um Governo de coalizão que garanta ao País um mínimo de governabilidade política até a posse a 15 de março do próximo ano, superando a intranquilidade que vem impedindo o sucesso da luta contra a inflação.

Este Governo de transição — conforme informações prestadas ontem ao **Jornal de Brasília** por assessores de Sarney — seria formado por um acordo nacional, envolvendo o apoio da classe política, dos empresários e dos trabalhadores.

Esta solução, além de garantir a transição política nas urnas, traria mais tranquilidade ao mercado econômico-financeiro do País, o principal alvo das reuniões que o Governo vem realizando ao longo desta semana com os representantes do setor industrial.

A ameaça de descontrole dos preços e o desgaste da atual equipe da Fazenda e Seplan levariam o acordo a ser embasado por um novo comando da política econômica. Ontem, o nome mais citado, como sempre, a assumir o comando da economia era o do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que, no entanto, declarou ao **Jornal de Brasília** (ver matéria abaixo) desconhecer discussões nessa linha e também nega ter sido convidado para qualquer cargo.

Tema constante

As idéias sobre a formação de um Governo de coalizão para enfrentar a crise vivida pelo País, segundo informações concedidas, ontem, no Palácio do Planalto, têm surgido com insistência durante conversas mantidas entre o presidente Sarney e líderes políticos e empresariais.

Nestas conversas, tem surgido, praticamente, um consenso de que é preciso fazer alguma coisa urgente para controlar a inflação e debelar a crise econômica, trazendo tranquilidade ao processo de transição política.

Políticos e empresários disseram ao presidente Sarney que acham, praticamente, impossível a manutenção da atual política econômica, que apenas assiste à progressão paulatina e perigosa das

taxas de inflação. No entendimento dessas pessoas, a formação de um Governo de coalizão, mesmo tendo o presidente Sarney à sua frente, daria uma injeção de ânimo e de confiança em todos os setores.

O comando da política econômica, entretanto, segundo algumas das idéias ouvidas pelo presidente Sarney, deveria ser entregue a um economista de "notório saber", fortalecendo-se, assim, a imagem de confiança nessa nova fase de Governo.

A idéia de formação de um Governo de coalizão vem sendo trabalhada nos bastidores do Palácio do Planalto, dentro do maior sigilo, para que não se corra o risco de abortá-la.

União nacional

Nos últimos dias, o presidente Sarney tem conversado, principalmente, com os empresários Antônio Ermírio de Moraes, do grupo Votorantim; Roberto Marinho, das Organizações Globo; Mathias Machline, do grupo Sharp e Mário Amato, presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).

Vários outros empresários serão ouvidos pelo Presidente, além de banqueiros, políticos e líderes trabalhistas, no que se considera, no Palácio do Planalto, como uma primeira sondagem para se formar um Governo de coalizão.

Um ministro de Estado, interpelado ontem, pelo **Jornal de Brasília**, sobre a possibilidade de se formar no País um Governo de coalizão, tendo à frente o presidente Sarney, disse que quem tiver uma solução melhor do que essa para debelar a crise econômica, e afastar o perigo que as instituições, correm, que apresente logo sua idéia. Disse ainda que, no atual momento vivido pela economia do País, que ele considera de extrema gravidade, todas as forças nacionais devem se unir.

O Governo de coalizão, segundo assessores do presidente Sarney, seria marcado por um amplo acordo entre todas as lideranças civis e pela execução de um programa mínimo de Governo, capaz de garantir a estabilidade econômica.